

TULA PILAR: “A CANETA É MEU TROFÉU, BORDAR AS PALAVRAS NO PAPEL, É TUDO O QUE QUERO DIZER”. SABE POR QUÊ?¹

Patrícia Cerqueira dos Santos²

Resumo

O título desta comunicação foi extraído do poema “Sou uma Carolina”, da escritora e poeta Tula Pilar (1970-2019). Este texto é parte intrínseca de uma pesquisa em desenvolvimento que investiga a forja de intelectuais na periferia urbana. O contexto que faz emergir a pergunta de pesquisa, sobre como a periferia urbana forja intelectuais, decorreu de uma participação na formação continuada de professoras e professores da Educação Básica para a educação das relações étnico-raciais, que contou com formadores com distintas trajetórias políticas e acadêmicas. A escritora Tula Pilar foi uma das formadoras. Com a intenção de apresentar reflexões sobre como se dá essa forja, foram selecionadas duas fontes de informações sobre a escritora: a primeira é uma entrevista concedida por ela para o programa **Provocações**, de Antônio Abujamra, na TV Cultura (2012); e a segunda é outra entrevista concedida por Pilar, desta vez para o projeto **Kombiblioteca Poética**, do Museu da Pessoa (2015), na qual ela conversou com José Santos e Jonas Worcman. Nessas entrevistas, ao contar a própria história de vida, passando pela infância e pela adolescência em Minas Gerais, pela migração para o Rio de Janeiro e pela fixação de moradia na periferia sul de São Paulo, ela discorreu sobre sua luta pela sobrevivência e seu contato com saraus literários e com o projeto da revista **Ocas**, que, segundo ela, transformaram sua vida. O estudo dessa trajetória permite compreender como a periferia forja intelectuais, de modo que intelectuais periféricos possam emergir como categoria analítica.

Palavras-chave

Tula Pilar; Intelectual Periférico; Formação Continuada.

Introdução

Entre 2013 e 2016, a Diretoria Regional de Educação Campo Limpo (DRE-CL), órgão da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), organizou encontros

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Arquivos e história oral: usos, experiências e reflexões”, durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória, Corpo, Mundo.

² Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), sob a orientação do prof. dr. Rosenilton Silva de Oliveira. E-mail: patriciacerquer@usp.br.

de formação continuada para professoras e professores da Educação Básica com o intuito de oferecer educação quanto às relações étnico-raciais.

Na época, foram publicados editais para contratar formadores com o intuito de atuarem nesse projeto por toda a cidade de São Paulo³. Esses formadores revelaram ter as mais distintas trajetórias. Este artigo traz a trajetória de vida, a formação política e acadêmica da escritora Tula Pilar, analisando sua contribuição para o projeto mencionado.

Em 1º de dezembro de 2016, aconteceu o encerramento desses encontros formativos, mas, como disse a escritora e uma das formadoras do projeto, “podia ser apenas o acaso [...], mas da ponte pra cá nada é tão por acaso assim. Da ponte pra cá, antes de tudo, é uma história” (NASCIMENTO, 2014). No auditório do Centro Educacional Unificado Campo Limpo (CEU-CL), cerca de quatrocentas pessoas – entre profissionais da Educação Básica e da educação superior, gestoras e gestores escolares, supervisoras e supervisores de ensino da DRE-CL, convidadas e convidados de outras DRE da cidade de São Paulo, estudantes, músicos, poetas, escritoras e escritores e lideranças comunitárias que haviam participado, ao longo de quatro anos, de diferentes momentos formativos – estavam reunidas, aparentemente, para esse encerramento.

A distribuição e a leitura pública do “Manifesto: educação e cultura(s) em Campo Limpo e M’Boi Mirim” marcou aquele encerramento e, simultaneamente, foi um pronunciamento de resistência. Não foram identificados signatários do documento; é possível inferir, dado o contexto em que foi apresentado, que tenha sido escrito pela equipe responsável pela formação de professores na DRE-CL. No documento, foi apresentada uma concepção de educação relacionada com as culturas existentes nos territórios, sem hierarquização e que tomou as parcerias estabelecidas “entre educadoras e educadores com poetas, lideranças comunitárias, artistas e intelectuais das periferias da Zona Sul de São Paulo” (SÃO PAULO, 2016, [s. p.]), o que permite a dedução de que são três sujeitos coletivos e heterogêneos que se posicionaram “como pessoas capazes de

³ Para mais informações a respeito, é possível consultar os seguintes autores: GRILO, Juliana F. Alves. **Percursos de grupos populares na escolarização: conflitos, resistências e perspectivas decoloniais em escolas públicas de São Paulo.** 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019; JANUÁRIO, Eduardo. Aspectos histórico-econômicos das relações étnico-raciais no Brasil: um método para a formação de educadores para a Educação das relações Étnico-Raciais na cidade de São Paulo. **Sankofa.** Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, São Paulo, Ano VIII, n. XV, ago. 2015; SILVA, Silmara Cardoso de. **Formação docente para a implementação da Lei 10.639/2003: concepções em curso na Rede Municipal de São Paulo.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

observar nossas realidades e de coletivamente produzir conhecimentos nos espaços educacionais desses territórios” (SÃO PAULO, 2016, [s. p.]), expressando-se, assim, em sentido-existência e resistência, conforme o manifesto.

A identificação e a autorrepresentação ficaram destacadas nesse ato-manifesto quando seus atores se colocaram “na condição de intelectuais orgânicas(os)” (SÃO PAULO, 2016, [s. p.]); se filiando teoricamente a Antonio Gramsci, reafirmaram a importância das perspectivas pedagógicas e da continuidade dos encontros formativos como prática de uma educação emancipadora.

Meia década depois da ciência desse manifesto, diante das discontinuidades de um tempo difícil para o Brasil desde o golpe de 2016, aprofundado pelas reformas trabalhistas, educacionais e pelo congelamento de investimentos nas áreas de educação e saúde – o que, por sua vez, foi intensificado pela pandemia da Covid-19, em que “[...] o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo” (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 65) –, me levaram à retomada da leitura do manifesto.

A releitura do manifesto me colocou diante da possibilidade de aprofundar o conceito de intelectual periférico estampado nele, do qual ressalto, nesse sentido, a atuação de Tula Pilar, uma das intelectuais forjadas na periferia presentes nos encontros formativos para a educação quanto às relações étnico-raciais.

Por envolver uma pesquisa já em desenvolvimento, saliento que a expressão “intelectual periférico”, trazida aqui a partir dos sujeitos coletivos que aparecem no “Manifesto: educação e cultura(s) em Campo Limpo e M’Boi Mirim”, constituiu-se provisoriamente como um “conceito sob rasura”, nas palavras de Stuart Hall (2014).

Enquanto hipótese, entendo que é o reconhecimento da intelectualidade desses sujeitos que atuaram nos encontros formativos, a valorização de suas trajetórias de vida, de suas formações políticas, de seus processos de escolarização, em um movimento teórico-metodológico, que faz que elementos, estudados de maneira interseccionada, possibilitem a emergência da expressão intelectual periférica como categoria de análise.

Revisitei as entrevistas concedidas pela escritora para o programa **Provocações**, da TV Cultura (2012), com Antônio Abujamra; e para o projeto **Kombiblioteca Poética**, do Museu da Pessoa (2015), em conversa com José Santos e Jonas Worcman. Essas entrevistas são vistas aqui como fontes orais preciosas, enquanto exercício, na busca de compreender como a periferia forja intelectuais.

Na entrevista de Tula Pilar a Antônio Abujamra sobre o lançamento de seu livro **Palavras acadêmicas**, fica perceptível a possibilidade de uso da fonte oral na pesquisa

mencionada; para tal, me amparo em Alberti e Pereira (2008) e Oliveira (2021). Também a entrevista concedida a José Santos e Jonas Worcman, do projeto **Kombiblioteca Poética**, oferece elementos importantes da forja dessa intelectualidade periférica.

Destaco, ainda que essas entrevistas, guardadas nos acervos digitais da TV Cultura e do Museu da Pessoa, são exemplos de “patrimônio silencioso” entre os registros de história oral, fato que é lamentado pelas pesquisadoras Luciana Heymann e Verena Alberti (2018). Nesse sentido, pretendo ser mais uma pesquisadora a quebrar o silêncio que cerca essa “série de documentos produzidos e acumulados por diferentes pesquisadores em projetos específicos que são vistos de forma periférica no campo da História ou não são valorizados pelos praticantes da metodologia de história oral” (OLIVEIRA, 2021, p. 240).

Já rompendo silêncios, essa entrevista de Tula Pilar concedida ao projeto **Kombiblioteca Poética** ganhou espaço no Arquivo Mundial do Ártico, localizado em Svalbard, um arquipélago no Mar da Noruega, através de uma parceria com o Museu da Pessoa, que selecionou essa passagem entre as 100 horas de gravação de sua coleção Memórias de Brasileiras e Brasileiros (SILVA, 2019).

O acervo completo do Museu da Pessoa, disponibilizado on-line, tem 20 mil histórias de vida, 60 mil imagens e 5 mil vídeos (<https://museudapessoa.org/>). A transcrição das perguntas e respostas da entrevista com Pilar, feita por Karina Medici Barella, por exemplo, tem 29 laudas. Vale ressaltar, então, que o próprio Museu da Pessoa quebra silêncios dessa natureza.

Jonas Worcman, inspirado na literatura de cordel, publicou o folheto “Tula Pilar: uma rainha da poesia”, sob a alcunha de Jonas Samaúma. Esse folheto faz parte da coleção Vidas em Cordel, que homenageia o acervo de histórias de vida. O cordel, agora, circula pelas periferias e pelas centralidades urbanas, assim como a Tula Pilar fez em vida.

O encontro com a história de Tula Pilar

Tula Pilar Ferreira nasceu em Leopoldina, Minas Gerais, em abril de 1970 e faleceu em Taboão da Serra, São Paulo, em 2019. Tula Pilar, como era conhecida na cena cultural brasileira, foi empregada doméstica, babá, vendedora da revista **Ocas**, poetisa e escritora brasileira.

O primeiro contato que tive com Pilar foi através do documentário **#9 Empoderada Tula Pilar**, produzido por Renata Martins e apresentado a professoras e professores em um dos encontros formativos na DRE-CL.

Nessa ocasião, os presentes ouviram Tula Pilar contar a própria história de vida. O cenário escolhido pela diretora do filme, Renata Martins, que foi a linha 9 Esmeralda da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), familiar para mim e para a periferia sul de São Paulo, me deixou ainda mais fixada na narrativa da poetisa. Pilar trouxe memórias da infância, do trabalho em casas de famílias ricas, às quais ela acompanhava sua mãe desde muito pequena. Ela abordou, ainda, as privações relativas à escassez de alimentação e vestimenta que enfrentou:

A gente começou a trabalhar muito cedo na casa dos outros. Minha mãe tinha muitas filhas. Nós somos sete filhas. Era muito difícil para ela cuidar da gente sozinha. Aí ela colocou a gente para trabalhar com ela na casa das patroas dela. A gente ia trabalhar com ela e a patroa via a gente varrer depois que a gente comia. Vamos deixar o emprego da mãe limpinho! Aí ela falou para minha mãe: “Deixa uma ficar comigo”. Aí outra mulher pediu, “Deixa ficar comigo. Dou roupas, sapato, comida”. Ia morar na casa. Aí minha mãe foi e colocou uma aqui outra ali. Daí elas falavam que era troco da escola, porque daí a gente estudava nas escolas que elas davam aulas. As patroas eram duas professoras. A minha irmã ficou na casa de uma e eu fiquei na casa da outra. E roupa, sapato, que falava que dava tudo para nós, era tudo resto das filhas. “Ah, isso não serve mais para fulana e beltrana, vou te dar.” Dava roupa usada, sapato usado. Aí no Natal eu falava assim: “Mãe, acho que o Papai Noel não gosta de gente pobre nem de gente preta, porque ele não dá roupa nova para gente, ele não dá brinquedo novo pra gente”. A minha mãe: “Menina, o que você está falando? Tá louca, não é isso não”. (MARTINS, Renata. #9Empoderada Tula Pilar, [s. d.] – transcrição minha)

A sonoridade da narrativa de Tula Pilar dentro do trem da CPTM em movimento só é interrompida por outra voz feminina que anuncia o nome da estação do próximo desembarque: “estação Cidade Jardim, desembarque pelo lado esquerdo do trem”. O que Tula Pilar trazia da experiência vivida como criança na capital mineira, nas décadas de 1970 e 1980, era semelhante à minha, na década de 1980, como filha de uma família negra, pobre, migrante nordestina e moradora de um bairro periférico da cidade de Itapeverica da Serra, em São Paulo.

A cada parada em uma estação, é possível conhecer mais da história de vida de Tula Pilar, marcada desde o princípio, como já mencionado, pela exploração infantil enquanto acompanhava sua mãe ao trabalho – tudo isso em troca de comida, roupas usadas e matrícula na escola onde uma das patroas da mãe era professora. Enquanto isso, pelas janelas do vagão, é possível ter vislumbres de áreas com construções inacabadas da favela e dos prédios comerciais do bairro Cidade Jardim às margens do Rio Pinheiros, que compõem a paisagem dos trilhos da linha 9 da CPTM.

Lembrar dos tempos em que ela mesma, ainda criança, começou a trabalhar como faxineira trouxe memórias de outras agressões sofridas. As patroas rasgavam seus escritos

após os lerem e ficarem admiradas com a escrita – obviamente sem revelar esse último detalhe. Elas despistavam rapidamente o encantamento com uma atitude agressiva, devolvendo a vassoura a Pila e procurando colocá-la naquele que consideravam ser seu lugar.

O encontro com a formadora Tula Pilar

Dando sequência aos encontros formativos, no palco do anfiteatro do CEU Casa Blanca, a escritora, poeta e formadora Tula Pilar, performatizando Carolina Maria de Jesus a partir do poema “Sou uma Carolina”, de sua própria autoria, se apresentou para as professoras e os professores da Educação Básica do território de Campo Limpo e M’Boi Mirim.

A força desse poema está na intersecção das trajetórias de vida dessas escritoras mineiras. Ele expressa os marcadores sociais da diferença de raça, classe, gênero, geração, além da luta dessas mulheres pela sobrevivência e pelo reconhecimento da própria intelectualidade como escritoras e poetisas. Tula Pilar, estava estrategicamente, nos oferecendo uma grande oportunidade de retomamos a obra de Carolina Maria de Jesus em nossas práticas de sala de aula, por meio de sua releitura.

Sou uma Carolina

Tula Pilar

Sou uma Carolina,
Trabalhei desde menina,
Na infância, lavei, passei, engraxei...
Filhos dos outros embalei
Sou a negra escritora que virou notícias nos jornais
Foi do Quarto de Despejo aos programas de TV

Sou uma Carolina
Escrevo desde menina
Meus textos foram rasgados, amassados, pisoteados
Foram tantos beliscões
Pelas bandas lá de Minas
Eu sou de Minas Gerais

Fugi da casa da patroa
Vassoura não quero mais
A caneta é meu troféu
Bordar as palavras no papel
É tudo o que quero dizer

Sou uma Carolina
Feminino e poesia
A negra escritora que foi do Quarto de Despejo aos programas de TV

Hoje uso salto alto
Vestido decotado, meio curto e com babados

Estou na sala de estar
No meu sofá aveludado

Porque...

Sou uma Carolina
Feminino e poesia
Pobreza não quero mais
A caneta é meu troféu
Bordar as palavras no papel
É tudo o que quero dizer...

Carolina...

(PILAR, 2015, p. 184-185)

A semelhança entre Carolina Maria de Jesus e Tula Pilar virou versos através das mãos do cordelista Samaúma ([s. d.], p. 1):

Tem história inspiradora
Essa guerreira de luz
Na luta contra o racismo
Sua vida nos conduz
O tanto que se assemelha
Parece até que espelha
Carolina de Jesus

Essa semelhança também foi registrada por Vera Eunice, a filha de Carolina Maria de Jesus. Vera Eunice, em “texto em homenagem póstuma à memória de Tula Pilar”, assim percebe:

A escritora **Carolina Maria de Jesus** significa para muitas mulheres negras um símbolo de coragem, de luta, de persistência e, o mais importante, de uma mulher que conseguiu alcançar o seu sonho de se tornar uma escritora e de ver seu nome grafado num livro como autora. **Tula Pilar** foi uma dessas mulheres que se espelhou na trajetória da escritora e, coincidentemente, muitas fases da vida dela se assemelham a de Carolina Maria de Jesus, pois as duas criaram os filhos sozinhas, foram mães solteiras, empregadas domésticas e gostavam da literatura – ela me entregou um papel rascunhado com um poema e já percebi uma certa semelhança, pois **Carolina Maria de Jesus** também rascunhava seus poemas em pedaços de papéis, como a escritora Pilar, que me disse que escrevia quando lhe vinha as ideias na cabeça. Outra coisa que percebi em **Tula Pilar** era a satisfação e emoção que ela demonstrava ao interpretar **Carolina Maria de Jesus**. O mais importante legado que a escritora **Carolina Maria de Jesus** deixou para seus filhos e netos, quanto a **Tula Pilar**, percebo que os filhos têm o mesmo orgulho de quem foi a mãe deles e o que deixou na sua curta passagem. A escritora Carolina Maria de Jesus faleceu de insuficiência respiratória, tal como **Tula Pilar**. Pensei: “até na morte se assemelham”. (EUNICE, 2019, p. 187)

Essa “semelhança” e/ou “coincidência” tem a ver com o racismo e o sexismo presentes na história social brasileira e na história das mulheres negras, como nos ensinaram Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro em suas publicações sobre a história do povo negro no Brasil – com destaque para a discriminação

duplamente vivida pelas mulheres negras. Outra dimensão dos efeitos traumáticos do racismo brasileiro pode ser percebida no campo da literatura, no caso daquelas que ousaram se tornar escritoras, como pode ser observado nos apontamentos feitos pela pesquisadora Livia Lima da Silva:

Os negros, historicamente negados de sua própria condição humana, enquanto escravos, e depois da abolição, marginalizados e excluídos das posições e campos de poder, incluindo o cultural, pouco participaram do que ao longo do tempo fizeram parte do que se convencionou classificar como literatura brasileira, a produção literária brasileira. Não privilegiou os moradores das periferias das grandes cidades do Brasil, associados, objetiva e subjetivamente, à condição de trabalhadores manuais, vivendo em situação de pobreza e marginalidade, com baixa escolaridade e elevada “ignorância” em relação à língua portuguesa. (SILVA, 2021, p. 51)

Inspirada em Carolina Maria de Jesus, que muito lutou para ser reconhecida como escritora, Tula Pilar seguia forjando a própria trajetória política e intelectual, participando ativamente nos saraus e publicando coletivamente na periferia de São Paulo. Assim como a crítica especializada recebeu com desconfiança os textos de Carolina Maria de Jesus na década de 1950 (SILVA, 2021), Tula Pilar, na primeira década do século XXI, experimentou também esse nível de receptividade. Na citada entrevista a Antônio Abujamra em 2012, ano em que Tula Pilar lançou o livro **Palavras inacadêmicas**, em resposta à pergunta a respeito do que são essas palavras – após ser elogiada pelo belo nome do livro –, ela conta:

Ah, então, exatamente por eu não ter academia de letras. Porque eu falava, se essa gente tem o dom para escrever, por que ter academia, né? E daí eu comecei a participar de alguns saraus e as pessoas me tiravam muito. Ah, essa poetisa aí é vendedora de rua, vendedora daquela revistinha sabe? Isso me deixava muito assim. Mas eu ficava na minha. Aí a pessoa me convidava. Vamos convidar essa poetisa aqui, conheço ela lá da periferia e tal, aí eu declamava e as pessoas ficavam, “Ah, mas é você mesmo? Você fez academia?”, “Ah, você fez faculdade? Que estudo você tem?”. Ah, é meio chocante né? (ABUJAMRA, 2012, [s. p.] – transcrição minha)

A desconfiança em “mas é você mesmo?”, seguida das perguntas “Você fez academia? Você fez faculdade?” direcionadas a Tula Pilar são uma demonstração da falta de conhecimento em relação a sua luta ao longo de seu crescimento para estudar, enraizada no racismo brasileiro, conforme a própria poetisa nos conta:

Eu fazia o serviço de limpar, varrer a casa, passar pano, tirar a poeira dos móveis nessa primeira casa, que a mulher dava escola pra nós. Eu lembro que de manhã a gente ia pra escola. Chegou uma época na escola, nós começamos a tirar notas muito boas. Eu e a minha irmã Rita, a gente sempre tirava notas muito boas na escola. E a patroa um dia disse para minha mãe: “Mas como pode, dona Antônia, vocês moram lá naquele buraco, a senhora não tem condição nenhuma, minhas meninas têm tudo aqui do bom e do melhor, e suas filhas tiram nota melhor do que as minhas”. Minha mãe falou: “Mas como? As minhas meninas são inteligentes, a senhora pensa o quê?”. É que eu não quero

falar o nome das mulheres, quero esquecer. E a gente sempre tramitava uma com a outra, final de semana a gente lia livros. (PILAR apud SANTOS e WORCMAN, 2015, p. 6)

No relato de Tula Pilar, fica nítido como o racismo opera nas relações entre as classes sociais. Era inadmissível as filhas da empregada tirarem notas mais altas que as das filhas da patroa. E Tula Pilar, inteligente – como constatou sua mãe –, além de combinar com a irmã as leituras nos finais de semana, elaborou outras estratégias, aprendendo, assim, uma segunda língua quando ainda era menina:

Nessa casa que a gente vai, que dos dez anos eu fico lá até os quatorze anos, tinha a biblioteca da mulher. E era uma sala, assim, enorme, tinha aquela estante enorme cheia de livros. Ali eu aprendi inglês, porque tinha uns livrinhos de inglês que eram muito legais, eu ficava lendo e via as imagens, né? Airplane, aí eu gravava. E nisso a mulher tinha uma sobrinha americana, me lembro, o nome da moça eu vou falar, Martha, que eu tinha muito carinho por essa Martha da sobrinha da mulher, porque teve outra Martha na minha vida que era empregada dessa primeira casa quando eu tinha sete anos. E essa Martha americana via e falava assim: “Você é muito inteligente. Oh my god! Você é intelligent!”, aí ela começou. E eu perguntava pra ela: “Como que lê?”, e ela foi me ensinando, que ela via que eu já sabia o livro todo, eu conhecia o livro todo, aí peguei assim e mostrei pra ela. Ela ficou passada quando eu sabia do livro. Mas eu lia todo dia. Eu ia limpar e ficava lendo. E aí falava: “Mas essa menina demora demais pra limpar, gente, não é possível! Vai lá ver o que essa menina está aprontando!”. (PILAR apud SANTOS e WORCMAN, 2015, p. 7)

Com a entrevista para o programa **Provocações**, por sua vez, é possível conhecer um pouco mais do processo de escolarização da escritora Tula Pilar: “Estudei depois de mais velha, já. Até 2006-2007, eu concluí o Ensino Fundamental. Eu fiz EJA, Educação de Jovens e Adulto, daí as coisas mudaram bastante” (ABUJAMRA, 2012, [s. p.] – transcrição minha).

Através dessas entrevistas que a escritora Tula Pilar concedeu para o Museu da Pessoa e para o programa **Provocações**, é possível conhecer algumas das leituras dessa poetisa. Na infância, ela leu Monteiro Lobato, a coleção Walt Disney, “Ali Babá e os 40 ladrões”. Já na juventude, “eu li toda aquela coleção Vagalume. Aqui em São Paulo eu li **O caso do escaravelho do diabo** [sic]” (PILAR apud SANTOS e WORCMAN, 2015, p. 7 e 11). Na vida adulta, foi a vez de Marquês de Sade, Du Bocage, Carolina Maria de Jesus.

Lembrar das leituras pareceu a Tula Pilar prazeroso, ela “escrevia muito versinho” também. Mas, ao recordar o que fez com o próprio caderninho – “ô como eu tenho dó que eu joguei aquele caderninho fora” –, se arrependeu (PILAR apud SANTOS e WORCMAN, 2015, p. 11).

O reencontro da pesquisadora com a interlocutora Tula Pilar

Em julho de 2022, das mãos de Jonas Samaúma, recebi um exemplar do folheto do cordel “Tula Pilar: uma rainha da poesia” em uma tarde literária que, através do projeto Vozes Periféricas, rendeu um “Tributo a Tula Pilar”. O Sarau do Binho, do qual Tula Pilar era integrante, aconteceu na Biblioteca Pública Marcos Rey, no Jd. Umarizal, subdistrito de Campo Limpo, periferia sul da cidade de São Paulo. Esse se tornou um espaço significativo na história de Tula Pilar durante sua jornada para se tornar uma escritora. No encontro, Pedro Lucas, o filho de Pilar, e vários amigos, poetas e escritores do Sarau do Binho trouxeram seus depoimentos de experiências vividas com a escritora na realização de saraus, na produção e na publicação de livros, em participações em eventos em diferentes espaços da cidade, em âmbito nacional e internacional, além dos causos do cotidiano familiar e com a coletividade que se formou no Sarau do Binho.

Depois das lembranças revividas, o microfone foi aberto ao público. Nutrida pelos relatos que escutara, envolvida naquela magia que por ali circulava, agarrada em minhas memórias, resolvi quebrar meu silêncio, acrescentando à biografia da escritora sua face formadora, que conheci em outro tempo, quando ela foi minha professora.

Narrei como, em 2016, em sua condição de professora de formação continuada para a educação relativa às relações étnico-raciais, conheci a escritora Tula Pilar. Quando terminei de falar e os aplausos começaram, senti o quanto tudo aquilo era importante como legado e que precisava ir além do depoimento. Essa história precisa ser registrada. É por isso também que fui a esse encontro de 2022; aquilo, para mim, então na condição de pesquisadora, era mais que um encontro, era um trabalho de campo.

Depois de minha fala, enquanto escutava outros depoimentos, abri o cordel que recebi de Jonas Worcman e nele li a dedicatória que Samaúma me escreveu: “Lembrar da Pilar é uma delícia. A Pilar pedagógica subverte a lógica, é a melhor nortera!”.

Aquele cordel trazia a história de uma mulher que ousou subverter a lógica. A história dessa “nortera” deve estar nas escolas, apresentada na prática de uma pedagogia antirracista – o que aqueles encontros formativos que contaram com a presença de Tula intencionaram promover.

Trazendo ao campo da História, o uso dessa fonte oral e registrada em cordel, em união com a performatividade de Samaúma, nos convida a olhar para essas referências da maneira como nos propõe a historiadora Maria Antonieta Antonacci:

[...] apreendendo-as como expressões de relações sociais que orientam percepções, hábitos mentais, modos de pensar e viver [...] atentando para o lugar e sentido da memória nesses modos de linguagens, onde pensar e recordar assumem sentidos próprios. (ANTONACCI, 2015, p. 37)

No âmbito do ensino de História da Educação e da pesquisa no campo da educação antirracista, essa entrevista produzida pelo projeto **Kombiblioteca Poética**, ao romper silêncios, se constitui como recurso pedagógico potente, como propõe a autora Bárbara Carine: “é preciso intelectualizar pessoas negras. Se fomos destituídos de humanidade pelo atributo da razão, é pelo intelecto que reconquistamos a nossa dimensão humana. Desse modo apresentar referências teóricas de intelectuais negros e negras é essencial” (PINHEIRO, 2023, p. 83). Nesse sentido, Tula Pilar tornou-se uma dessas referências. Sua forja se insere na pedagogia antirracista que desejamos ver nas escolas.

Considerações finais

As entrevistas mencionadas neste artigo são importantes como documentos dos quais podemos extrair a trajetória de formação acadêmica e política de Tula Pilar. Elas nos permitem saber por que a caneta se tornou seu troféu e bordar as palavras no papel é tudo o que Tula Pilar, como uma Carolina, desejou fazer a vida toda. Essas entrevistas são fontes essenciais, que, interseccionadas com outras fontes, como tentei demonstrar aqui, oferecem caminhos para a metodologia em construção que intenciona fazer emergir a categoria de intelectuais periféricos.

Referências

- ABUJAMRA, Antônio. **Provocações**. TV Cultura, 14 ago. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d4IV5FKDevY> e <https://www.youtube.com/watch?v=5eOSPFUWZ7g>. Acessos em: 26 maio 2023.
- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar A. Possibilidades das fontes orais: um exemplo de pesquisa. **anos 90** – Revista do Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 73-98, dez. 2008.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. Tradições de oralidade, escrita e iconografia em literatura de folhetos: Nordeste do Brasil, 1890/1940. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Educ, 2015. p. 35-72.
- EUNICE, Vera. Texto em homenagem póstuma à memória de Tula Pilar. *In*: FREITAS, Maitê; FAUSTINO, Carmen (orgs.). **Pilar: futuro presente**. Uma antologia para Tula. São Paulo: Oralituras, 2020.
- HEYMANN, Luciana; ALBERTI, Verena. Acervos de história oral: um patrimônio silencioso? *In*: BAUER, Leticia; BORGES, Viviane Trindade (org.). **História oral e patrimônio cultural: potencialidades e transformações**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 11-29.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda N. C. Brant; Jeanne M. Gagnebin; Marcos L. Müller. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 65-69.

MARTINS, Renata. **#9Empoderada Tula Pilar**, [s. d.].

NASCIMENTO, Jenyffer Silva do. **Terra fértil**. São Paulo: Ed. do Autor, 2014.

OLIVEIRA, S. S. R. de. Zózimo Bulbul: a prática de história oral no Centenário da Abolição (1988) e a história de vida de um artista negro. **História Oral**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 239-257, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i1.1102. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1102>. Acesso em: 13 maio 2023.

PILAR, Tula. Sou uma Carolina. *In*: SOARES, Suzi (ed.). **Sarau do Binho**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial/Sarau do Binho, 2015. p. 184-185.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

SAMAÚMA, Jonas. Tula Pilar: uma rainha da poesia. São Paulo: Museu da Pessoa, [s. d.].

SANTOS, José; WORCMAN, Jonas. **Kombiblioteca Poética**. Uma mineira boa de verso e prosa. Transcrição de Karina M. Barella. Realização Museu da Pessoa. São Paulo, 30 abr. 2015.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Diretoria Regional de Educação Campo Limpo. Manifesto: educação e cultura(s) em Campo Limpo e M’Boi Mirim. São Paulo, 1º dez. 2016.

SILVA, David da. Tula Pilar tem sua história preservada em arquivo mundial no Polo Norte. **Bar e Lanches Taboão**. 2019. Disponível em: http://barelanchestaboao.blogspot.com/2019/03/tula-pilar-tem-sua-historia-preservada_6.html. Acesso em: 26 maio 2023.

SILVA, Livia Lima da. As trajetórias de poetas nos saraus das periferias de São Paulo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 50-63, jan./jul. 2021.

STUART, Hall. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.